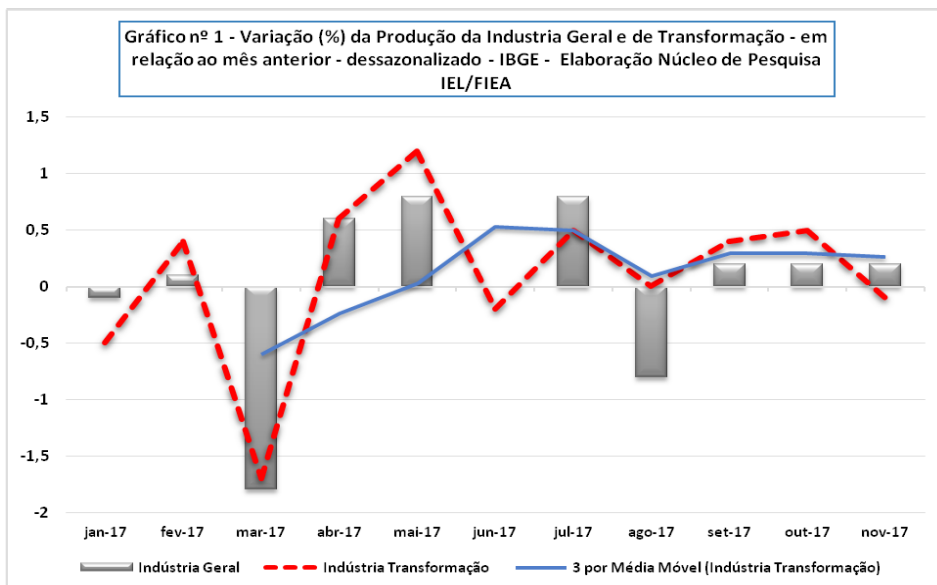




SÍNTESE DO PANORAMA CONJUNTURAL FIEA

A indústria mantém o ritmo lento de retomada

A indústria brasileira mantém-se recuperando na margem, na série com dados dessazonalizados, só que a um ritmo lento e no caso da indústria de transformação com trajetória ainda mais oscilante até novembro de 2017, como pode ser observado no gráfico nº 1. A média móvel de três meses que busca indicar a tendência da produção da indústria de transformação até novembro aponta leve desaceleração na margem. Os fatores que tem sido apontados pelos analistas como os principais responsáveis pelo início da recuperação da indústria em 2017, são: a retomada no setor de agronegócios, o crescimento das exportações e o gradual aumento do consumo das famílias, em função da liberação do FGTS, maior acesso a linhas de crédito e diminuição da inflação e da taxa de desemprego. No tocante ao primeiro fator os reflexos foram sentidos, principalmente no primeiro semestre, no setor de bens de capital. No caso do crescimento das exportações o setor mais favorecido da indústria foi o automobilístico que tem um peso importante na categoria de bens de consumo duráveis e na indústria como um todo. De novembro de 2016 a igual período do ano passado, mesmo considerando que a base de comparação é baixa, a fabricação de automóveis cresceu 20,1%. A maior facilidade de acesso a crédito também contribuiu para o crescimento em igual período da produção da “linha branca” (+18,6%), da “linha marrom” (+8,1%), de motocicletas (+18,0%), outros



eletrodomésticos (+11,5%) e móveis (+10,0%). Contudo, tanto o macrossetor de bens de capitais como duráveis apresentaram médias móveis trimestrais com tendência de desaceleração na margem, sendo no primeiro caso a partir julho e no segundo de setembro. A liberação do FGTS impactou favoravelmente o macrossetor de bens de consumo semi e não-duráveis, que cresceu 3,0% ante novembro de 2016, principalmente, pela alta observada em alimentos e bebidas elaborados para consumo doméstico (+6,5%). A queda da inflação junto com a redução da taxa de desemprego também contribuíram para o crescimento deste setor. Assim como bens de capital, todavia, a partir de

julho a média móvel trimestral apresenta desaceleração na margem. Assim a perda de dinamismo captada pelas médias móveis, com ajuste sazonal, deixa claro para os três macrossetores que o processo de recuperação é lento e que sua consolidação irá depender muito do comportamento da economia brasileira em 2018. Como assinala o Instituto de Estudos para o desenvolvimento Industrial (IEDI), “mesmo a indústria, que apresentou uma das melhores evoluções no ano passado, operava, em novembro, em um patamar correspondente a outubro de 2015 – isto é, um período de crise intensa”.

IPCA fica abaixo do piso da meta em 2017

A inflação medida pelo IPCA, segundo o IBGE, ficou abaixo do piso da meta em 2017, com 2,95%. No final de 2016 a mediana das expectativas do mercado financeiro para o IPCA do ano passado era de 4,86%aa: acima da meta de inflação de 4,5%aa. Quais fatores contribuíram para este comportamento benigno da inflação? O primeiro foi a supersafra colhida em 2017 que levou à deflação no IPCA de “alimentos e bebidas”. Em janeiro de 2017 a inflação acumulada nos últimos doze meses neste grupo era de 6,56%aa e em dezembro do mesmo ano registrou deflação de -1,87%aa, ou seja, uma queda de 8,43 pontos percentuais em um ano. Outro grupo que apresentou

deflação no mesmo período foi “artigos de residência”, que saiu de inflação acumulada de 2,85%aa para -1,49%aa. O segundo fator preponderante foi a ainda elevada taxa de desemprego, com mais de 12 milhões de desempregados, em função da lenta retomada da economia brasileira iniciada em 2017. O setor de serviços, que também tem um peso importante na composição do IPCA e é muito sensível ao nível de atividade doméstica, apresentou recuo considerável no mesmo período: passou de inflação acumulada de 5,27%aa para 2,95%aa. Além destes dois fatores acima apontados, contribuíram para a queda da inflação em menor proporção a apreciação da

taxa de câmbio e o ancoramento das expectativas de inflação dos agentes econômicos em função da maior credibilidade do BCB junto ao mercado. Em função da trajetória benigna da inflação brasileira observada nos últimos doze meses, o mercado continua apostando que o BCB poderá realizar mais um corte na reunião de fevereiro de 2018, algo como 25pb. Como colocado na Panorama FIEA anterior, a nossa expectativa, um tanto mais conservadora, é de que o BCB esperará para avaliar as implicações de um possível adiamento na votação da reforma da previdência para 2018 e seus reflexos sobre o mercado financeiro e risco país para decidir sobre a continuidade nos cortes da selic.

A produção Industrial Brasileira em novembro de 2017



O desempenho da indústria brasileira em novembro de 2017 apresentou, no levantamento com ajuste sazonal, crescimento na margem de 0,2%. Na comparação com o mesmo mês em 2016 a indústria registrou aumento de 4,7%. De acordo com o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria (IEDI), “em novembro, a indústria voltou a registrar aumento na produção, indicando que a reativação do setor continua em andamento. De fato, o ano de 2017 se destaca como um divisor de águas por consistir no início de uma etapa de restituição das pesadas perdas industriais sofridas no triênio 2014-2016. Porém, nem tudo são flores, já que fragilidades importantes ainda persistem. As fragilidades remanescentes, quanto aos indicativos na margem e ao impulso concentrado em poucos

setores, não desqualificam a presente reação do setor industrial, mas funcionam como um alerta das dificuldades que ainda devem ser superadas. O pior já passou, mas não foi completamente virada a página da crise. Espera-se, contudo, que, a despeito de eventuais turbulências políticas, 2018 traga maior robustez e consistência à recuperação da indústria.”

Ainda segundo o IEDI, “o nível de utilização da capacidade instalada da indústria de transformação, de acordo com a série da FGV com ajustes sazonais, foi de 74,2% em novembro de 2017. O indicador ficou praticamente estável frente ao mês imediatamente anterior (-0,1 ponto percentual). O atual nível de utilização continua inferior à média histórica do próprio indicador (80,4%). Estes dados sugerem uma melhora do quadro em relação ao final do

ano passado, estando longe de retomar aos níveis de utilização pré-crise. Ademais, ao longo de 2017, assim como ocorre no caso da produção física, não tem havido nenhuma tendência de aumento sucessivo da utilização da capacidade. A permanência da utilização da capacidade em níveis historicamente baixos e sem uma trajetória clara de melhora não é um indício favorável para a evolução futura do investimento, isso porque máquinas e equipamentos atualmente ociosos deverão ser postos em funcionamento antes de os empresários pensarem em ampliar sua capacidade de produção. Em contrapartida, a existência de capacidade ociosa significa que existem plenas condições de oferta para garantir uma recuperação da atividade econômica sem pressões inflacionárias.”

Variações da Produção - Novembro - 2017 - %

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	0,2	4,7	2,3	2,2
Bens de capital	0,0	8,1	5,8	6,5
Bens intermediários	1,4	4,2	1,4	1,2
Bens de consumo	-0,7	5,4	3,2	2,9
Bens de consumo duráveis	2,5	15,2	12,7	12,2
Semiduráveis e não Duráveis	-1,6	3,0	1,1	0,8
Extrativa Mineral	0,2	1,5	5,3	5,5
Transformação	-0,1	5,2	1,9	1,7

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração Própria.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS- FIEA

PRESIDENTE

José Carlos Lyra de Andrade

1º Vice presidente

José da Silva Nogueira Filho

Diretor executivo

Walter Luiz Jucá Sá

Gerente UNITEC

Helvio Vilas Boas

INSTITUTO EUVALDO LODI - IEL

Diretor Regional

José Carlos Lyra de Andrade

Superintendente

Helvio Vilas Boas

Coordenadora de Inovação e Pesquisa

Eliana Sá

Elaboração

NÚCLEO DE INOVAÇÃO E

PESQUISA DO IEL/AL

EQUIPE TÉCNICA

Luciana Peixoto Santa Rita

Reynaldo Rubens Ferreira Junior

Jéssica Maria Silva Cabral

Layne Mariela de Souza Santos Cordeiro

Luan Victor Ramalho de Oliveira

Yan Vasconcelos Navarro